

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO E NO TRABALHO DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO¹

Micheli Gomes Wink²
Prof.^a Sandra Monteiro Lemos³
FACULDADE AVANTIS

Pós-graduação Lato Sensu em Docência no Ensino Superior
09/12/09

RESUMO

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) podem ser excelentes ferramentas de apoio pedagógico para melhorar o ensino e a aprendizagem dos educandos. Sobretudo nos últimos anos, os cursos de especialização têm sido propostos, e colocados à disposição dos interessados pelas TIC, com vistas ao seu uso como apoio pedagógico. Neste sentido, torna-se interessante propor discussões e reflexões com vistas a compreender como as TIC têm considerado a mediação pedagógica em seu processo e, conseqüentemente na formação e capacitação docente. Através de uma pesquisa de caráter qualitativo, objetivou-se entender como é possível capacitar os docentes universitários para a utilização pedagógica dos recursos das TIC em sala de aula. E de que maneira tal capacitação se efetiva em prática na sala de aula. Este estudo investigou três professores que lecionam em cursos de especialização lato sensu numa Instituição privada da cidade de Porto Alegre. Através das entrevistas chegou-se à conclusão que os docentes estão abertos as tecnologias e os recursos mais utilizados são os tecnológicos (PowerPoint, datashow, notebook, pendrive e Internet).

Palavras-chave: TIC. Capacitação Docente. Mediação Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de nossas vidas acadêmicas, muitas são às vezes em que nos deparamos com professores, os quais julgamos com pouca interatividade em sala de aula, neste caso, assistimos a aulas maçantes e cansativas.

Nos últimos anos tem havido uma intensa discussão sobre o quanto as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) podem ser ferramentas de apoio pedagógico para melhorar o ensino e a aprendizagem dos educandos, capazes de torná-los sujeitos motivados e críticos, estimulando-os para que transformem-se em

¹ Artigo Científico apresentado como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Docência no Ensino Superior.

² Pós-graduanda no curso Docência em Ensino Superior da Faculdade Avantis. E-mail: micheli.wink@gmail.com

³ Professora Orientadora do TCE. E-mail: mlemo03@terra.com.br

pesquisadores. Nesse sentido, faz-se necessário que os professores, sejam capacitados para compreenderem o manuseio das TIC e a aplicação das mesmas em suas aulas.

As TIC são recursos tecnológicos da área da informação e da comunicação, tais como: computador, TV, vídeo, Internet, entre outros.

Conforme Barreto *et all* (2006) há mais ou menos uma década, as TIC têm sido inseridas no campo educacional a fim de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Os mesmos autores vão nos dizer que as discussões sobre as TIC em nível macro, tem como objetivo as políticas e propostas de sua inserção nos processos de ensino-aprendizagem podendo ser distribuídas *pelas modalidades: presencial, a distância (EAD), e virtual; e os usos específicos, traduzidos em aplicações tópicas, na medida em que centrados em determinados suportes, necessidades ou conteúdos.* (BARRETO, et all., 2006, p.2)

Este artigo tem por finalidade apontar se há a utilização dessas TIC em nível de ensino superior e como estas são aplicadas, bem como investigar se os docentes universitários estão tendo uma educação continuada.

2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O debate sobre as TIC, não pode deixar de considerar as questões que envolvem a capacitação docente e a mediação pedagógica. Neste sentido, torna-se interessante propor discussões e reflexões com vistas a compreender como as TIC têm considerado a mediação pedagógica em seu processo e, conseqüentemente na formação e capacitação docente. Pois,

(...)as discussões em nível macro, objetivando as políticas e propostas de inserção das TIC, subdivididas em concepção de sociedade e paradigma educacional; as várias inserções das TIC no processo de ensino-aprendizagem como um todo (denominadas TIC no ensino), distribuídas pelas modalidades: presencial, a distância (EAD), e virtual; e os usos específicos, traduzidos em aplicações tópicas, na medida em que centrados em determinados suportes, necessidades ou conteúdos. (Barreto et al., 2006, p.2)

Sendo assim, é significativo que as Instituições de Ensino Superior (IES) ofereçam cursos de *capacitação docente universitária*, a fim de obterem uma melhor formação pedagógica. A capacitação contribui para que o professor consiga estabelecer vínculos entre o conteúdo a ser trabalhado, auxiliando o êxito no ensino e na aprendizagem.

Porém, há de se ter cautela com a qualidade dos cursos de capacitação oferecidos. Acerca disso, Nóvoa (1999) argumenta sobre a necessidade de integração contextual, ao afirmar que:

É verdade que não faltam programas em que estas dimensões estão contempladas. Mas a questão essencial não é organizar mais uns “cursos” ou atribuir mais uns “créditos de formação”. O que faz falta é integrar estas dimensões no cotidiano da profissão docente, fazendo com que elas sejam parte essencial da definição de cada um como professor/a. (NÓVOA, 1999, p.8)

No entendimento de Nóvoa, além das universidades ofertarem cursos de capacitação para o corpo docente, há a necessidade da valorização e estímulo do educador, inclusive na formação continuada referente às tecnologias e a participação e/ou desenvolvimento em pesquisas científicas.

3 ABORDAGENS SOBRE A CAPACITAÇÃO DOCENTE

As universidades têm como função primordial à formação de mestres e pesquisadores na área pretendida. Acontece que no Brasil, este procedimento foi adotado tardiamente devido ao modelo tradicional de ensino que visava formar cidadãos para o capitalismo econômico não priorizando o sujeito. Felizmente, o ensino é mutável e, atualmente, este quadro se inverteu. É cada vez mais freqüente a opção por um ensino interacionista, pautado em metodologias advindas das teorias construtivistas. Saviani (2007), aclara que a idéia do aluno ser agente da própria aprendizagem foi fundamentada por Piaget.

Para Piaget (1983, p. 39) "uma epistemologia, em conformidade com os dados da psicogênese", não é empírica, isto é, resultante de observações, nem fundada em formas *a priori* ou inatas, "mas não pode deixar de ser um construtivismo, com a elaboração contínua de operações e de novas estruturas". Assim procedendo ele está, embora por outro caminho, centrando a questão do conhecimento na experiência já existente ou a ser realizada pelo aluno. (SAVIANI, 2007, p.7)

É de suma importância que as universidades estejam oferecendo tais cursos de capacitação, em busca de uma melhoria na formação pedagógica. Pois, como nos declara o professor "X": "Não sei se a instituição oferece cursos de capacitação para os professores". Observou-se que há falta de informação do docente perante aos cursos ofertados pela instituição e/ou a falta de promoção de tais cursos.

o professor é um aluno e o aluno é, sem saber, um professor – e, tudo bem considerado, melhor será que, tanto o que dá como o que recebe a instrução, tenham o menos consciência possível de seu papel (DEWEY *apud* SAVIANI, 2007, p. 7).

Em minha pesquisa junto a professores que utilizam-se das TIC, obtive algumas considerações as quais julgo pertinente abordá-las. O professor "Y" nos diz:

"Utilizo, principalmente, o datashow, e a pesquisa em sites. Penso que são recursos novos que, hoje, tenho confiança em utilizar. Além do mais, compreendo que não podemos virar as costas para as novas tecnologias, visto que, são criações humanas que podem facilitar a atividade docente e o cotidiano."

Ao analisar a fala do professor "Y" percebe-se que o mesmo busca aprimorar os seus conhecimentos diante as TIC. Mostrou que os docentes mais antigos não possuem receios perante as novas tecnologias, pelo contrário, buscam conhece-las.

A identificação dos professores não será divulgada, mas estes serão representados pelas letras "X", "Y" e "Z".

Já o professor “X” nos fala sobre dos recursos tecnológicos e das técnicas usadas. “...Recursos tecnológicos utilizo pendrive, data show, laptop, computador, porque enriquecem a apresentação, facilitam a pesquisa, e estimulam a curiosidade, e facilitam a construção do conhecimento e as Técnicas são exposição dialogada, pesquisa, (busca na internet), debates contextualizados com o fazer diário na escola, relatos de experiências, etc.”. Nota-se que o professor “X” diferencia recursos tecnológicos de técnicas.

Diferentemente, o professor “Z” nos diz que: “Recursos são os recursos tecnológicos que utilizo em aula, como por exemplo, o datashow com slides.”

Observa-se que o professor “Z” possui uma visão bitolada, pois considera recurso apenas as aparelhagens tecnológicas, esquecendo-se demais recursos padrões, como o quadro de giz, cartazes, entre outros.

4. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A mediação pedagógica se refere à atitude e ao comportamento do professor que atua como facilitador da aprendizagem. A mediação é a intervenção com o ambiente de estudo, com os materiais didáticos e entre os aprendizes, beneficiando assim a aprendizagem.

De acordo com Masetto (2000, p. 145), mediação pedagógica:

É a forma de se apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela.

Podemos perceber, na fala abaixo, do professor “Y” que este planeja suas aulas dependendo da interação dialogal que se estabelece entre aluno-professor. Segundo este:

“O método que utilizo em minhas aulas é dialogal, fundamentado, no cognitivismo, isto é, todo o planejamento metodológico das minhas aulas visa cambiar o conhecimento, advindo do senso comum para o conhecimento científico. Compreendo que isto ocorre através da relação dialógica do aluno-professor e de ambos com o conhecimento.”

Estas são as características da mediação pedagógica. O professor mediador deve ser interativo, estimulador, motivador dos seus alunos. Quando o professor não atua desta forma, acaba desestimulando seus discentes, amenizando a vontade de aprender. Por sua vez, os alunos também devem mudar a sua posição de passivos, tornando-se crítico, criativo e pesquisador de conhecimentos. Para ambos, a tecnologia vem a facilitar o processo de aprendizagem, tornando-o mais interessante.

Dessa forma, os professores se cientes de seu papel que é de mediador, somente depois disso, conseguirá elaborar o planejamento. O professor “Z” trabalha com a identificação do perfil da turma e, a partir disso, traça os objetivos a serem trabalhados.

“Primeiramente faço um diagnóstico da turma, para posteriori elaborar o plano de aula.” Conforme este relato, o planejamento deve ser flexível, portanto sempre reestruturado para que possa gerar uma interação igualitária, acompanhar os trabalhos dos alunos e motivá-los para que não se sintam abandonados e, por ventura, desmotivados.

Como nos fala o professor “X” quando afirma: “Sempre costumo dizer que: método é o caminho metodologia é como eu ando nesse caminho utilizando os mais diversos recursos e técnicas conforme a necessidade apresentada, ou circunstancias onde estou caminhando.”

O professor mediador se depara com as tecnologias presentes na atual sociedade na qual estamos imersos. O mediador precisa possuir mais do que os domínios tecnológicos, buscando atingir a comunicação, a cooperação e/ou colaboração, e a coordenação. Nesta abordagem dos denominados “3c’s” (Comunicação, Colaboração e Criatividade), segundo Tijiboy e Maçada (1998), objetiva-se a integração entre eles. Este processo permite aos alunos e professores a aprenderem a aprender, incentivando a formação permanente, a construção da reflexão pessoal e a aprendizagem coletiva, cooperando e colaborando entre as pessoas. Em suma, as novas tecnologias colaboram significativamente num aprendizado mais eficaz, inclusive na vida.

Já para outros autores, como para Fuks, Raposo & Gerosa (2003), os denominados “3c’s” tem outros requisitos. Ao invés dos termos “criatividade” e “colaboração” estes autores utilizam o termo “coordenação” e “cooperação”, pois, “para colaborar, os indivíduos têm que trocar informações (se comunicar), organizar-se (se coordenar) e operar em conjunto num espaço compartilhado (cooperar).” (p. 2).

Analisando os referenciais a respeito dos 3C’s, posicionamo-nos pelo modelo de “3c’s” como Comunicação, Coordenação e Cooperação, pois a comunicação nada mais é do que trocas de informações e interatividade que geram compromissos, que são gerenciados pela coordenação.

É importante o conhecimento de softwares e hardwares, mas não é o suficiente. É preciso que o docente se conscientize sobre a importância da aprendizagem com as TIC. O papel do professor-mediador é o de orientar o processo educativo, ou seja, auxiliar a aprendizagem dos alunos. Quando as atividades de moderação se associam, como os *Chat’s* (bate-papo) e os Fóruns, tornam-se recursos muito eficazes.

Para que o professor atue como mediador, não poderá ter a atitude de que ele detém todo o conhecimento. Tal postura tradicional ao ser abandonada, não considerará o aluno como se fosse uma “tábula-rasa”, e sim, que o estudante vem provido de inúmeros conhecimentos. Nesta linha, considera-se o professor como um aprendiz em processo aprendente.

O professor “Z” nos relata o seguinte: “Parto do pressuposto que meus alunos têm sede do saber, mas nunca esquecendo de que todos possuem conhecimentos dos mais diversos.”

No campo universitário, espera-se a contemplação, por parte dos docentes, trabalharem em dois pólos: “... formar para a cidadania, como sujeito histórico e transformador da sociedade, e contribuir para a produção do conhecimento compatível com o desenvolvimento tecnológico contemporâneo.” (BEHRENS, 2000, p.72)

Neste contexto, a mediação proporciona aos discentes a conquistar uma melhor qualidade de vida. Essa qualidade se dá num cidadão crítico, profissional competente, autônomo e criativo para que aos poucos se transforme a sociedade.

Conforme Almeida (2006, p. 100): “de acordo com a teoria de Ausubel, para que a aprendizagem colaborativa seja significativa, ou seja, para que tenha real significado na vida do sujeito, ela deve acontecer considerando-se a carga cognitiva que o sujeito já tem.”

O mediador gera situações de aprendizagem. O professor deve ser humilde. Humildade de aprender também e por que não com os seus alunos? Não é uma formação que fará com que o professor não precise continuar se atualizando e estudando sempre, muito menos, será o único que obtêm sabedoria.

Como afirma Masetto (2000, p. 146):

A mediação pedagógica coloca em evidência o papel do sujeito aprendiz e o fortalece como ator de atividades que lhe permitirão aprender e conseguir atingir seus objetivos; e dá um novo colorido ao papel do professor e aos novos materiais e elementos com que ele deverá trabalhar para crescer e se desenvolver.

A mediação pedagógica é voltada aos ensinamentos e aprendizados dos alunos. Com as atividades os alunos aprenderão e nesta aprendizagem se consolidam em objetivos alcançados. Ao professor mediador caberá planejar e preparar novos materiais para suas aulas, incluindo as tecnologias que podem ser aplicadas como apoio pedagógico. Com materiais novos e diversificados o professor também estará em fase de desenvolvimento, ou seja, aprendendo uma parte da mediação pedagógica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta discussão mostra como a educação é primordial, principalmente na educação superior, fazendo-se necessário investir cada vez mais na capacitação docente universitária para que haja um ensino e aprendizado eficaz na formação dos discentes. Além disso, as Instituições de Ensino Superior (IES) devem oportunizar e estimular a pesquisa dos docentes e discentes e, conseqüentemente, a publicação de trabalhos. Todavia, precisamos de profissionais graduados que realmente sejam qualificados e, para tal, é fundamental que se pratique as funções do futuro cargo.

O docente universitário ao se deparar com as TIC em sua formação e em seu trabalho diário, necessita ser flexível para que ocorra o seu próprio processo de ensino e aprendizado, resultando, assim numa eficácia em suas aulas visando à melhoria pedagógica. Em outras palavras, os docentes de quaisquer área e nível não podem ter receio ao “novo”.

O presente estudo apontou para as seguintes constatações:

Falta de informação de alguns docentes perante aos cursos ofertados pela instituição e/ou a falta de promoção de tais cursos; A busca de aprimoramento dos docentes perante

as TIC; A grande maioria dos recursos tecnológicos utilizados filtram-se nas apresentações de PowerPoint, datashow, notebook, pendrive e Internet; Apenas um entrevistado escolhe a metodologia de suas aulas de acordo com o perfil da turma. Os demais já possuem metodologia adotada; Todos os entrevistados mostraram diferenciar e explicar as diferenças entre recursos, técnicas e métodos;

Embora esta pesquisa tenha se utilizado de um número reduzido de entrevistados, mostraram ter domínio no uso das tecnologias como recursos das aulas. Porém, ficou nítido que todos os entrevistados confundiram tecnologias com recurso, pois quando perguntamos a respeito de quais recursos utilizam em suas aulas, vimos que nenhum citou algum outro recurso a não ser tecnológico. O que leva a necessidade de capacitação continuada.

Como pedagoga multimeios e informática educativa e professora acredito que as TIC jamais substituirão o professor, portanto não há motivos para receio. As TIC vieram para facilitar a nossa vida cotidiana e nos serve como apoio pedagógico na educação. O professor é quem auxilia os educandos, ou seja, nós, professores, fazemos a mediação entre conteúdos, ensino, aprendizado e as tecnologias. Somos seres aprendentes e capazes, sendo assim, podemos aproveitar ainda mais as TIC, sem ser a utilização por simples utilização. Quando planejamos, definimos os objetivos e passos a serem seguidos, e através destes passos e dos conteúdos a serem abordados nas aulas, podemos planejar quais recursos que serão usados nas aulas e de que forma. Porém, quando falamos de recursos não se restringe apenas às tecnologias, mas a todos os recursos que servem de apoio ao ensino e aprendizagem. Já falando dos recursos tecnológicos, precisamos ser criativos e mediadores para estimular a motivação de nossos alunos. Enfim, as TIC podem contribuir significativamente para o ensino e aprendizado se aplicada de maneira dinâmica e interativa.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carina Turk. O papel do pedagogo multimeios na utilização de recursos midiáticos colaborativos na modalidade educação a distância. In: FARIA, Elaine Turk (Org.). **Educação Presencial e Virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 87-104 p.

BARRETO, Raquel Goulart. et all. As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 31- 196, jan./abr. 2006. In:

<http://www.oei.es/docentes/articulos/tecnologias_informacion_formacion_profesores.pdf

>. Acesso em: 20 ago 2009.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel; , Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

FUKS, Hugo, RAPOSO, Alberto Barbosa & GEROSA, Marco Aurélio. “**Do Modelo de Colaboração 3C à Engenharia de Groupware**”, *Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web – Webmidia 2003, Trilha especial de Trabalho Cooperativo Assistido por Computador*, 03 a 06 de Novembro de 2003, Salvador-BA. Disponível em: <

http://groupware.les.inf.puc-rio.br/groupware/publicacoes/Webmedia_2003.pdf >.
Acesso em: 22 set. 2008.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, et all.
Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.

NÓVOA, António. Os Professores na Virada do Milênio: do excesso dos discursos à
pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p.1-10, jan./jun.
1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-
97021999000100002&script=sci_arttext&tlng=in](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97021999000100002&script=sci_arttext&tlng=in)>. Acesso em: 20 mai 2009.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. **Cadernos de
Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p.1-36, jan./abr. 2007. Disponível em:
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-
15742007000100006&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000100006&lang=pt)> Acesso em: 25 mai 2009.

TIJIBOY, Ana Vilma; MAÇADA, Débora Laurino. **Cooperação e Colaboração, 1998.**
Disponível em: <<http://www.niee.ufrgs.br/cursos/topicos-ie/ana/conceito.htm>>. Acesso
em: 18 abr. 2008.